

ENTENDENDO A CIDADE A PARTIR DAS NARRATIVAS E SINGULARIDADES DOS/AS TERREIROS/AS

CAMILA MACHADO RAMOS DE CASTRO¹; LUIZ AUGUSTO FONSECA
DUARTE JUNIOR²; MARTHA RODRIGUES FERREIRA³; LOUISE PRADO
ALFONSO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – camilamachadorc@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – luizjuniorbio@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – matrharof@gamil.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão *Terra de Santo: patrimonialização de terreiro em Pelotas*, inicia suas atividades em 2015, a partir do contato da Yalorixá Gisa de Oxalá, dirigente responsável pela Comunidade Beneficente Tradicional de Terreiro (CBTT) Caboclo Rompe Mato Ilê Axé Xangô e Oxalá, que busca a universidade com o objetivo de solicitar a patrimonialização deste terreiro (OLIVEIRA et al. 2016; RODRIGUES et al. 2016). O projeto realiza diversas atividades, como rodas de conversas, elaboração de banners e exposições visando a visibilidade das religiões de matriz africana, visitação das casas com intenção de fortalecimento de parceria com as lideranças, acompanhamento dos cronogramas das festas, elaboração do dossiê de patrimonialização da CBTT, etc. Neste texto, será discutida a ação que está sendo desenvolvida em 2019, voltada para o mapeamento de casas de religiões de matriz africana em Pelotas.

Durante o processo de pesquisa para o reconhecimento da Tradição doceira de Pelotas e Pelotas Antiga como Referência Cultural, foi destacada a importância das comunidades negras na construção e manutenção desta tradição. Destacaram-se os terreiros e a produção e compra de doces de Pelotas para as oferendas pelas diversas casas de religiões existentes na cidade. A equipe do projeto acompanhou a parecerista do IPHAN a terreiros para que esta pudesse compreender essas dinâmicas de (re)significação peculiar desta região. Após a patrimonialização, o IPHAN solicitou que a equipe do projeto se envolvesse nas ações de salvaguarda da região doceira com a realização de um mapeamento dos terreiros/as da cidade de Pelotas. A princípio, a proposta era fazer um estudo da localização desses terreiros/as. Cabe destacar que Pelotas possui mais de duas mil casas de religiões de matriz africana, porém estas não são mapeadas. A equipe aceitou o desafio do mapeamento, porém, a partir de uma perspectiva diferente, pautada na antropologia, visando entender a relação das casas com a cidade, como estas se movimentam de forma social, geográfica e culturalmente, pois como diria Michel Agier (2015), “a cidade é feita essencialmente de movimento”. Por meio das suas práticas religiosas e simbólicas, do mesmo modo, pretendemos com o mapeamento dar visibilidade às lutas das lideranças e às religiões e mostrar a diversidade destas religiões na região de Pelotas.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a realização do mapeamento dos/as terreiros/as é pautada em entrevistas feitas com lideranças de casas de religiões de matriz africana na cidade de Pelotas (nação, umbanda, quimbanda e entre outras), a partir de um questionário elaborado pela equipe do projeto com base em mapeamentos realizados em outros locais. O estudo dos mapeamentos feitos em cidades como Salvador (pela a Universidade Federal da Bahia), possibilitou que criássemos nosso próprio instrumento. Ressaltamos, segundo Santos (2006) a importância da narrativa das pessoas para a construção deste mapeamento, como foi demonstrado no mapeamento feito em Salvador:

“acordamos por uma definição de terreiro que envolvesse reconhecimento como tal pela liderança e pela comunidade onde está localizado, o tempo de existência, registro, bem como regularidade na estrutura religiosa como ciclo de festejos e número de iniciados.”

Contudo, não levaremos em conta os registros das casas, pois sabemos que muitas lideranças não o fazem aqui na região por uma gama de motivos, dentre eles, destacamos a tentativa de auto-representação destes (RODRIGUES et al. 2016). A partir do mapeamento elaborado na cidade do Rio de Janeiro, pela Pontifícia Universidade Católica, procuramos entender as possibilidades de da criação de mapas sociais que buscam a afirmação da existência destas religiões em sua espacialidade. Em nosso mapeamento realizaremos mapas a partir da ideia de manchas (MAGNANI, 2013) para não identificarmos geograficamente as casas, apenas demonstramos a representatividade e diversidade destas religiões. A ficha elaborada pelo projeto Terra de Santo, é apenas uma base para que a equipe possa abordar as mesmas questões nos/as terreiros/as entrevistados/as. Foram elaboradas doze questões para dar início ao mapeamento, envolvendo: Nome da Casa/instituição, O que se cultua? Nome da liderança?, Ano da fundação?, Número de filho/as de santo?, Raiz da casa (Bacia)?, Filiação a algum órgão/associação/federação. Se sim, qual?, Relação com as plantas e o meio ambiente (quais as plantas utilizadas e onde são encontradas, se estão na casa ou não), Relação com a cidade e com as outras casas, Relação com o sincretismo e o doce dentro da religião. Estas não são questões fixas, podendo passar por modificações e se adaptando ao campo. As entrevistas são agendadas de acordo com a disponibilidade do/a entrevistado/a, utilizamos o método de indicações de lideranças, por lideranças, criando uma rede de contatos, o que torna mais fácil a criação de vínculos de confiança, já que muitas vezes as lideranças possuem receio de conversar com pessoas que não vivem a religião, com medo de sofrer represália.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as casas já entrevistadas, abordaremos aqui três delas, que iremos denominar a partir de seus orixás regentes, ex: casa de Ogun, de Odé e de Xangô, para assim mantermos o sigilo por elas solicitado. Entramos em contato com cada uma por meio de indicações de lideranças que já possuíam contato com o projeto. Vale ressaltar que as lideranças que aqui discutiremos são homens brancos e cis e, apenas um, é abertamente LGBTQI+. Levando em conta que este mapeamento também tem por objetivo evidenciar uma cidade de Pelotas

Negra, que é totalmente invisibilizada pelas narrativas hegemônicas locais, a presença de lideranças brancas neste contexto também se faz importante. Em nossa visita à casa de Ogun, a liderança nos recebeu com sua mãe de santo e seus irmãos de religião devido ao seu nervosismo em relação a entrevista. Em nossa entrevista na Casa de Odé, a liderança não permitiu que gravássemos a conversa, então tivemos que escrever suas respostas nas fichas. Estes casos demonstram a insegurança das lideranças em falarem sobre estas religiões, o que aponta para o desafio que é a elaboração de trabalhos como este.

Nestas três casas, observamos que todas praticam a Umbanda e Quimbanda. Duas delas, a casa de Ogun e a de Xangô, são praticantes de Nação, a primeira de Nação Cabinda e a segunda de Nação Nagô. Na casa de Odé, somente a liderança prática a Nação Cabinda.

Durante as entrevistas, fizemos perguntas como a quantidade de filhos/as que há em cada casa e o tempo de fundação, tendo respostas relevantes sobre estes atravessamentos de dados. Quando elaboramos esta questão, fizemos a diferenciação de gênero, entretanto os entrevistados, quando questionados, responderam o número geral de filhos/as sem esta diferenciação. A casa que está a mais tempo aberta para trabalhos possui maior número de filhos/as, aproximadamente trinta e seis filhos/as, tanto na nação, quanto na umbanda. Seguindo esta lógica, a casa de Ogun, aberta no ano de 2014, deveria possuir um número equivalente ao tempo em que está funcionando, contudo, não são realizados cultos na casa, o pai de santo apenas realiza trabalhos para aqueles que o pedem. A terceira casa, aberta a menos tempo, no ano de 2018, como já realiza os cultos, possui oito filhos/as com obrigação.

Nas questões seguintes, obtivemos diferentes respostas devido a interpretação dos entrevistados, por exemplo, quando perguntamos sobre meio ambiente obtivemos uma resposta discorrendo sobre a utilização das plantas e ervas na umbanda, comparando com a utilização na nação, já o outro interlocutor respondeu que “tudo o que passa na religião passa pela erva” o que nos mostra a relevância que as plantas possuem para estas casas. Quando perguntamos sobre a filiação a algum órgão/associação/federação apenas uma casa respondeu que sim, que é filiada por consideração ao presidente desta. As outras duas lideranças não são filiadas, isto porque, muitas casas possuem divergências com a federação e preferem não se vincular, o que nos reforça que para estudar religiões de matriz africana temos que entender os conflitos que envolvem estes contextos. São também marcantes as divergências que estas possuem quanto aos fundamentos de suas religiões, como o pai Ogun colocou, ele tem uma relação “um tanto conflituosa” com outras casas, visto que, como os fundamentos das religiões de matriz africana são passados oralmente, as práticas de cada casa possui diferenças e, cada um/a, considera que o modo que ela pratica é o modo correto.

Abordamos também a questão dos doces nas terreira, foi relatado que os doces, da mesma forma que são utilizados como oferenda na Nação, são utilizados na Umbanda para oferendas aos Pretos Velhos, nas mesas de Ibeji e festas de

Cosme e Damião. Estes doces utilizados são doces tradicionais de Pelotas, como quindim, um dos símbolos da cidade que, para estas religiões, são ofertados para Oxum. Dois, dos três interlocutores, produzem seus doces em suas casas por questões de tradição, outros terreiros/as compram doces das doceiras locais, ou seja, as religiões também movimentam a economia pelotense e sustentam a própria tradição doceira que possui uma narrativa europeia e invisibiliza a participação e importância destas/es terreiros/as no “Mercado do doce”.

A cidade é um elemento essencial para a realização de rituais nas religiões de matriz africana, são nas ruas onde são feitas as oferendas para as entidades da Umbanda, assim como, a Nação precisa do Mercado Central, onde está o assentamento do Orixá Bará, para a realização do passeio que confirma a obrigação de um/a filho/a de santo, como foi narrado pelos nossos interlocutores. Também são relevantes a praia, os cruzeiros, o cemitério, entre outros. Isto demonstra como as religiões de matriz africana constroem e (re)significam lugares, alguns que são considerados patrimônios da cidade oficialmente, outros apenas para as/os terreiras/os. Contudo, não tem as suas narrativas e formas de habitar visibilizadas. Quanto à questão do sincretismo, coincidiu destas três casas utilizarem imagens católicas para representação de Orixás, alguns justificaram este uso como algo que faz parte da tradição das religiões.

4. CONCLUSÕES

Mesmo no início da efetivação do Mapeamento, já pudemos evidenciar aproximações e divergências entre as casas e nas respostas das questões, dados importantes pois nos demonstram a singularidade de cada casa e no modo de fazer e de viver as religiões em seu cotidiano. Da mesma forma, que demonstramos que a construção da cidade vai para além das narrativas oficiais e hegemônicas sobre Pelotas. Acreditamos que este mapeamento será de grande valia para a visibilização destas casas e das peculiaridades destas religiões no Rio Grande do Sul e Brasil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Mana vol.21 no.3** Rio de Janeiro Dez. 2015.
- DOS SANTOS, Jocélio Teles. Os candomblés da Bahia no século XXI. **UFBA**, Salvador, 2006
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro, cá e lá: seguindo trajetos, construindo circuitos. **Anuário Antropológico**, n. II, p. 53-72, 2013.
- OLIVEIRA, D. et al.. Terra de Santo: patrimonialização de terreiro em Pelotas. In: **Anais do III Congresso de Extensão e Cultura da UFPEL**. Pelotas: Editora UFPEL, 2016. 109-112.
- RODRIGUES, J. et al.. “Nós somos representantes de nós mesmos!”: um exemplo de regulamentação de casa de religião de matriz africana em Pelotas-RS. In: **Anais do III Congresso de Extensão e Cultura da UFPEL**. Pelotas: Editora UFPEL, 2016. 198-201.